

RIO DE JANEIRO

HUGO PERRUSO  
hugo.perruso@odia.com.br

O silêncio de hoje contrasta com a animação que deveria acontecer no Rio, abarrotado de foliões curtindo inúmeros blocos espalhados pela cidade. Sem o tradicional Carnaval, cancelado por causa da pandemia de covid-19, as fantasias e adereços deram lugar à máscara e ao álcool em gel, para a tristeza daqueles que aproveitavam bastante essa época do ano. E como o prefeito Eduardo Paes confirmou que não haverá a festa fora de época em julho, resta a esperança de que, em 2022, tudo volte ao normal.

O feriado na terça-feira, 16 de fevereiro, está mantido, mas não será possível aproveitar como antes. Algo bem diferente do que está acostumada a bacharel em direito Camilla Pedroza, de 43 anos. Para ela, essa época já seria de muita diversão nos blocos, depois de passar na Saara para comprar as fantasias e ajudar as amigas na produção. Mas não em 2021.

Na última quinta, prefeito Eduardo Paes descartou a chance de Carnaval no mês de julho

“Eu amo Carnaval! Ano passado eu já estava na abertura não oficial na primeira semana de janeiro e, em 2021, eu e meu filho saímos do isolamento de 20 dias após contrair covid. Fico muito triste. Não só por mim, mas pelas milhares de pessoas que têm no Carnaval o seu sustento”, lamenta Camilla, que concorda com a decisão de não ter a folia em julho.

“Querida muito, mas esse não é um momento de imprudência”.

A tristeza também é compartilhada pelo estudante de Sociologia Vitor Mazzeo, de 29 anos. Ele tocava trompete e agora saxofone nos blocos ‘Derê’, os ‘Biquínis de Ogodo Convidam as Sungas de Oda-ra’ e ‘Boto Marinho’, do qual é um dos organizadores. Era uma rotina de ensaios e folia que começava em dezembro.

“Se não fosse a pandemia, já estaríamos todos nos blocos e nas ruas, e também ensaiando bastante. É um vazio imenso. Em janeiro e fevereiro a cidade vibra Carnaval, com calor, suor, cerveja gelada, com os sorrisos dos foliões, podendo cantar, dançar, pular... É angustiante não termos isso”, afirma Vitor.

Já para Julia Assis, de 32 anos, a sensação é um misto de decepção e alívio. Afinal, a paixão está presente todo ano nos vários blocos em grupos — que chegaram a contar com até 20 pessoas normalmente com fantasias combinando, tudo após muita organização e cronograma montado. Entretanto, a ausência da folia facilitou a decisão de deixar o país para viver no exterior.

“A gente tentava pensar as fantasias com antecedência e fazíamos planilha para tudo. Dava bastante trabalho. No momento estou fora do Brasil, no México, e confesso que não ter Carnaval facilitou, porque eu costume tomar minhas decisões baseadas nele. Não sei se conseguiria não estar no Rio se já fosse o auge dos blocos”, afirma Julia, que acha incrível a ideia de um evento fora de época, mas concorda que neste ano isso não é possível.

“É a definição de tudo que a gente não deveria fazer até a covid estar 100% controlada”, completa.



PH DE NORONHA / DIVULGAÇÃO

“É um mix de saudade pela falta do Carnaval para encontrar os amigos com tristeza pelas mais de 215 mil mortes por covid”

VITOR MAZZEO

“Eu amo Carnaval. É triste não só por mim, mas pelas milhares de pessoas que têm nele o seu sustento”

CAMILLA PEDROZA

OS SEM folia



ARQUIVO PESSOAL

Acostumados a aproveitar os blocos nesta época, eles viram a pandemia de covid-19 mudar os seus planos



ARQUIVO PESSOAL

“Acho incrível a ideia do Carnaval fora de época, porém não deve ser feito até a covid estar 100% sob controle”

JULIA ASSIS

FORA DE ÉPOCA

Ideia aprovada para próximos Carnavais

■ Apesar da lei sancionada pelo governador em exercício Cláudio Castro que incluiu o Carnaval em julho no calendário oficial do estado, o prefeito Eduardo Paes descartou essa possibilidade na última quinta-feira. A decisão apoiada por escolas de samba e blocos praticamente encerra o assunto, mas a ideia do CarnaRio fora de época agrada aos foliões para o futuro.

Inclusive, já há blocos que costumam sair em outras épocas do ano. Vitor Mazzeo, por exemplo, é um dos organizadores do Bloccowen, que faz a festa em 31 de outubro ou início de novembro. Aniversariante no Dia das Bruxas, ele se uniu a amigos para organizar um bloco temático.

Para 2021, ele não era favorável à festa em julho, mas apoia a iniciativa em outros anos.

“A galera entra na vibe do halloween, vai fantasiada mas a verdade é que nós, do Rio de Janeiro, fazemos Carnaval o ano inteiro pela cidade”, afirma.

NADA DE SAMBÓDROMO

Sem ensaios e desfiles, saudade das escolas de samba aumenta

■ Não apenas os foliões dos blocos que ficarão sem o Carnaval em 2021, como também os amantes do samba. É o caso do fisioterapeuta Paulo Henrique Pereira, 41 anos, e do analista administrativo Anderson de Aguiar, 38. O casal se conheceu na quadra da Estácio e costumava ter desde outubro uma rotina de disputas de sambas, ensaios técnicos, feijoadas e desfiles em várias escolas.

“Sou admirador do Carnaval desde criança e depois passei a frequentar quadras e fiz amizades. Frequentamos várias quadras e sou apaixonado por desfile. Nosso lazer a partir de outubro é o Carnaval, acompanhamos tudo, desde grupo Especial ao Acesso. No

ano passado, desfilamos em sete escolas e já chegamos a 11. Por isso, para mim, tem sido muito difícil porque é um ambiente de socialização, momento em que mais via meus amigos. Fora o samba, que faz muita falta ouvir a bateria. É uma saudade bem grande”, lamenta Anderson, que desta vez não pôde comemorar o aniversário no dia 20 em uma quadra, como fez nos últimos anos.

Sem poder encontrar os amigos e frequentar os sambas, de Padre Miguel a Niterói ou São Gonçalo, muito menos ir à Marquês de Sapucaí, resta aproveitar essa época para recordar os anos anteriores pelas redes sociais, e acompanhar desfiles antigos.

“Conhecemos muitos amigos através do Carnaval e agora



ARQUIVO PESSOAL

Paulo (à esquerda) e Anderson no desfile da Beija-Flor em 2020

estamos segurando a mão um do outro durante a quarentena. É muito difícil, assim como ficar longe da família. Nesse momento estaríamos ensaiando e tentando aprender os sambas de várias escolas que desfilariamos, mas

não tem o que fazer. Algumas eventos voltaram, mas não acho que é o momento. É tentar amenizar com desfiles antigos, não dá para colocar a diversão à frente da saúde pública”, completou Paulo.